



PERFIL, TRABALHO E TEMPO LIVRE DE COLETORES DE LIXO DA CIDADE DE MONGAGUÁ-SP

PROFILE, WORK AND FREE TIME OF GARBAGE COLLECTORS IN THE CITY OF MONGAGUÁ-SP

Mayara Brito Batista¹

Rogério Cruz de Oliveira²

Resumo: O objetivo deste estudo é compreender o perfil dos coletores de lixo da cidade de Mongaguá-SP, suas práticas cotidianas de trabalho e de uso de seu tempo livre. Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. Participaram do estudo 26 trabalhadores da coleta de lixo do município, com idade superior a 18 anos e que trabalham na coleta de lixo há mais de um mês, sendo aqueles que recolhem os sacos de lixo e o motorista do caminhão. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados a partir de categorias não apriorísticas. Encontraram-se homens envolvidos num trabalho desgastante envoltos em preocupações quanto à alimentação e à resistência física. Em relação ao tempo livre, práticas de descanso, lazer e envolvimento com as atividades corporais foram mencionadas.

Palavras-chave: Coleta de Lixo; Saúde; Lazer.

Abstract: This study aimed to comprehend the profile of garbage collectors of Mongaguá-SP city, their daily work practices and the use of their free time. For this, a descriptive research with a qualitative approach was designed, which involved 26 garbage collectors of the city aged 18 years or older (including those collecting the garbage bags and the truck driver), employed for more than a month. The data were collected via semi-structured interviews and analyzed using non-aprioristic categories. We found men involved in exhausting work, worried about their diet and physical resistance. Regarding free time, relaxation practices, leisure, and involvement with bodily practices were mentioned.

Keywords: Solid Waste Collection; Health; Leisure.

1 Introdução

As práticas sanitárias surgem a partir dos impactos na saúde provocados pelas condições ambientais. A partir do período de industrialização e urbanização dos séculos XVIII e XIX, emergem “novos” problemas de saúde entre a população e, paralelamente, intensificam-se nas cidades contemporâneas as questões relacionadas aos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU), o que contribui para o agravamento da qualidade de vida nos grandes centros urbanos (Siqueira; Moraes, 2009).

¹ Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo – *Campus* Baixada Santista (UNIFESP – BS). Membro Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa Sociocultural em Educação Física (GEPSEF-UNIFESP-BS), Santos, SP, Brasil. E-mail: mayara.brito@unifesp.br

² Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do curso de Educação Física, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde e lotado no Departamento de Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal de São Paulo – *Campus* Baixada Santista (UNIFESP-BS). Líder do GEPSEF-UNIFESP-BS e Tutor do PET – Educação Física da mesma instituição, Santos, SP, Brasil. E-mail: rogerio.cruz@unifesp.br



Para o combate e controle de endemias, o coletor e a coleta de lixo são, portanto, necessários, sendo os coletores de lixo os profissionais responsáveis por tal tarefa. Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (Brasil, 2002), coletores de lixo (CBO – 5142/05) e garis (CBO – 5142/15) são os responsáveis pela coleta e pelo descarte adequado do lixo domiciliar e dos resíduos sólidos hospitalares, contribuindo para a preservação e a limpeza das vias públicas. Para Cardoso, Rombaldi e Silva (2013), o trabalho na coleta de lixo exige esforço físico elevado, envolvendo caminhadas, corridas, levantamento de pesos variados ao longo da jornada de trabalho diária, composta também por movimentos de arremesso de lixo e entulho de fora para dentro dos caminhões e corridas pequenas e médias com alta velocidade.

O processo de adoecimento decorrente da ação laboral tem sido discutido na literatura científica, evidenciando a estreita relação entre as condições de trabalho e o comprometimento da saúde física e mental dos trabalhadores. Estudos recentes, como os de Lukan *et al.* (2022) e Hultén, Bjerkeli e Holmgren (2022), apontam que a intensificação do ritmo laboral, as longas jornadas e o baixo grau de controle sobre as atividades configuram fatores determinantes para o desenvolvimento de doenças crônicas e transtornos psicossociais.

Como exemplo, temos o estudo de Tolera *et al.* (2025), que, ao investigarem trabalhadores de limpeza hospitalar na Etiópia, identificaram uma prevalência de 51,17% de distúrbios musculoesqueléticos, associada a fatores como sobrecarga laboral, exposição a riscos ergonômicos, ausência de capacitação em saúde e segurança e falta de uso de equipamentos de proteção individual, sendo que esses elementos funcionam como mediadores entre a organização do trabalho e a manifestação de doenças físicas, uma vez que a repetição de movimentos e posturas inadequadas, sem o devido suporte ergonômico, favorece o surgimento de lesões crônicas. De modo semelhante, uma revisão sobre doenças respiratórias ocupacionais entre trabalhadores sanitários aponta que a manipulação de resíduos e a exposição a poeiras, agentes biológicos e produtos químicos aumentam a incidência de bronquite, asma ocupacional e outras patologias pulmonares, sobretudo em contextos de falta de medidas de proteção ambiental e individual (Tolera *et al.*, 2024). Tais estudos reforçam que o adoecimento decorrente do trabalho é resultado de condições estruturais e organizacionais e não apenas de vulnerabilidades individuais, configurando-se como um processo socialmente determinado.

Os coletores de lixo, embora exerçam um papel essencial na manutenção da saúde pública, também estão expostos a diversas demandas de saúde. Esses trabalhadores



necessitam de proteção adequada contra os riscos ocupacionais e as contaminações a que estão altamente vulneráveis. O manejo do lixo implica uma série de desafios e agravos à saúde do trabalhador, ainda que sua atividade seja fundamental para toda a população, por prevenir inúmeros problemas sanitários e ambientais advindos do descarte inadequado do lixo (Santos; Silva, 2009). Assim, é legítimo reconhecer que esses trabalhadores, responsáveis pela coleta e, conseqüentemente, pela preservação da saúde coletiva, também são usuários do sistema de saúde e necessitam de atenção e cuidado.

O cuidado com a saúde do trabalhador passou a fazer parte das ações desenvolvidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) a partir da Constituição Federal de 1988. As ações voltadas a esse público visam à promoção, à proteção, à recuperação e à reabilitação de sua saúde, por meio da identificação, investigação e análise dos fatores relacionados aos agravos à saúde e às condições dos ambientes laborais (Costa *et al.*, 2013). Esse cuidado é vinculado aos aspectos físicos de saúde, devido aos fatores de risco que essa população encontra no seu dia a dia de trabalho. Partimos, porém, do pressuposto de que “o cuidado engloba atos, comportamentos e atitudes”, ou seja, a maneira de cuidar depende das situações vividas e como nos envolvemos com elas (Waldow; Borges, 2011, p. 415). Por conseguinte, as concepções de cuidado baseiam-se não somente nos parâmetros instituídos pelas secretarias de saúde, por exemplo, mas também são compostas pelas ações e motivações dos sujeitos.

O cuidado em saúde vem se consolidando como uma área crescente de pesquisa, na qual se exploram múltiplos e variados significados em torno do conceito de cuidado, sendo que estudos recentes mostram produções de conhecimento complexas e diversas sobre o tema. Para Almeida *et al.* (2018, p.244), “[...] a coordenação do cuidado significa estabelecer conexões de modo a alcançar o objetivo maior de prover/atender às necessidades e preferências dos usuários na oferta de cuidados em saúde, com elevado valor, qualidade e continuidade”.

Segundo Souza *et al.* (2014), embasados em Franco e Merhy (2005), há algum tempo vem sendo proposta a reorganização dos serviços de saúde, tendo como intenção a produção do cuidado, a partir de um trabalho com o usuário, visando às relações acolhedoras, capazes de produzir vínculos.

Essas necessidades em saúde, portanto, abrangem e se desdobram para o mundo do trabalho, assim como a estruturação dos ofícios dentro das diversas sociedades se constroem e se estruturam, a concepção de cuidado com o corpo também é socialmente concebida.

A noção e o cuidado com o corpo variam conforme a sociedade, a classe social e empregaticia, mesmo porque o corpo é resultado de diferentes investimentos e saberes, que o constroem (Lachi; Navarro, 2012). Segundo Rodrigues (2006), o corpo é socialmente concebido, e a análise de sua representação social oferta múltiplos caminhos à leitura de uma sociedade.

Pensar no cuidado com a saúde, portanto, não é só pensar nas condições de trabalho ou em estratégias médicas, mas, como afirmam Stênico e Paes (2016), também envolve questões relacionadas a como o trabalhador utiliza o seu tempo livre. O tempo livre adequado e bem aproveitado tem impacto direto na saúde física, mental e social, favorecendo a recuperação, a prevenção de doenças e o aumento da qualidade de vida (Marcino *et al.*, 2022). Além disso, a maneira como os trabalhadores entendem e utilizam o tempo livre pode refletir as suas crenças pessoais, sociais e culturais sobre o corpo e o cuidado com a saúde, além de influenciar diretamente a qualidade de vida e a forma de lidar com os desafios do cotidiano laboral.

No decorrer da história, o corpo do responsável pela coleta de lixo teve diferentes espaços, formas e significados. A indicação de pessoas para tal trabalho se dava a partir da exclusão; prisioneiros, escravos, ajudantes de carrascos, prostitutas e mendigos eram os responsáveis por tal ofício (Eigenheer, 2009).

Segundo Eigenheer (2009), a limpeza esteve, frequentemente, subordinada ao carrasco da cidade e aos seus auxiliares, e ainda hoje persiste a prática de marginalizar aqueles que executam esses serviços.

Diante do exposto, este estudo tem o seguinte objetivo: compreender o perfil dos coletores de lixo da cidade de Mongaguá-SP, suas práticas cotidianas de trabalho e de uso de seu tempo livre.

2 Método

Esta pesquisa é de caráter descritivo; segundo Trivinos (2009), esse tipo de análise foca o desejo de conhecer a comunidade, seus traços, suas gentes, seus problemas etc. A abordagem do estudo é a qualitativa; segundo Minayo (2009), esse enfoque se ocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes.



A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo sob o CAAE nº 37058220.0.0000.5505. Todos os voluntários assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram recrutados trabalhadores de uma empresa responsável pela coleta de lixo do município de Mongaguá-SP. A empresa conta com 40 trabalhadores da coleta de lixo, dos quais 26 participaram de nosso estudo, de ambos os sexos, a partir dos 18 anos de idade. Para o total de participantes, utilizou-se a amostragem por saturação, uma ferramenta conceitual utilizada para estabelecer ou fechar o final da amostra em estudo, interrompendo a captação de novos participantes (Fontanella; Ricas; Turato, 2008).

Os critérios de inclusão consistiram em:

- Ser o coletor que recolhe os sacos de lixo com as mãos;
- Ser o motorista do caminhão de lixo: pela possível oferta de outro olhar sobre o fenômeno da coleta de lixo, o que pode enriquecer a pesquisa;
- Trabalhar na coleta de lixo há mais de um mês: acredita-se ser tempo suficiente para que o ofício impacte possíveis práticas de cuidado com o corpo.

Os critérios de não inclusão consistem em:

- Estar afastado de suas funções por um tempo superior a 30 dias;
- Ter outro vínculo empregatício formal;
- Não ter disponibilidade para ser entrevistado.

O recrutamento dos voluntários ocorreu pessoalmente, na sede da empresa. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, a qual, segundo Trivinos (2009), parte de certos questionamentos básicos que interessam à pesquisa.

A escolha pelas entrevistas semiestruturadas deve-se ao fato de as perguntas serem planejadas de antemão, sendo mais abertas, a ponto de o entrevistado ter maior liberdade em suas respostas (Olsen, 2015).

Além dos dados gerais de perfil (cargo, idade, sexo, estado civil, escolaridade, outros trabalhos/ocupações e tempo de trabalho na coleta), as entrevistas foram realizadas considerando o seguinte roteiro de questões:

- Como é o seu processo de trabalho no dia a dia? Como você se prepara para o dia de trabalho?
- Quais as habilidades que você considera necessárias para exercer a função de coletor?
- Quais suas preocupações no trabalho?
- Como você cuida da sua saúde? E o que faz para ter energia para o dia de trabalho?



- E no seu tempo livre, o que gosta de fazer para relaxar?
- O que é cuidar do corpo para você?
- Quando precisa de cuidados, a quem ou para onde você recorre?
- Quais cuidados você possui com o corpo durante e após a jornada de trabalho?
- Você acha que o corpo do Coletor de Lixo é um corpo que necessita de maiores/mais/específicos cuidados?
- Você considera seu trabalho importante para a saúde da população? Se sim, quais contribuições você considera positivas?

Trata-se de um recorte dos dados de uma dissertação de mestrado defendida em 2022, a qual também buscou compreender as concepções de cuidado com o corpo de coletores de lixo da cidade de Mongaguá, litoral sul de São Paulo-SP. Entretanto, devido aos limites impostos a um texto como este, serão analisadas somente as questões relacionadas ao perfil e dia a dia do trabalho, à vida cotidiana e ao tempo livre.

Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos voluntários e, posteriormente, transcritas para um arquivo de texto para análise. “[...] sem fazer uma gravação em áudio, a análise de entrevistas semiestruturadas é significativamente limitada” (Olsen, 2015, p. 38). Com vistas a preservar os trabalhadores entrevistados, foram utilizados pseudônimos. Todas as entrevistas foram feitas de forma individual, com horários e dias marcados previamente (fora do horário de trabalho), com duração entre 15 e 30 minutos cada.

Devido ao cenário pandêmico de covid-19, as entrevistas foram realizadas somente após a confirmação da terceira dose de vacinação dos entrevistados e pesquisadora. Essa etapa ocorreu em abril de 2022.

A análise de dados foi realizada por meio do uso do método de análise de conteúdo, cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento (Campos, 2004). Nossa análise foi elaborada a partir de categorias não apriorísticas, as quais surgiram no decorrer das respostas dos participantes, com o objetivo de atender ao objetivo da pesquisa (Campos, 2004).

A análise se constituiu em três fases: 1) Pré-exploração das entrevistas, em que as leituras de todo o material tiveram como objetivo assimilar e organizar de forma não estruturada pontos necessários para as próximas fases; 2) Seleção das unidades de análise, na qual foram feitos recortes a partir de uma escolha própria da pesquisadora, delineando os motivos das escolhas; 3) Processo de categorização, em que os temas com graus de intimidade ou proximidade foram reunidos com o intuito de “exprimirem significados e

elaborações importantes que atendem aos objetivos do estudo”, criando novos conhecimentos e visões acerca dos temas propostos (Campos, 2004, p. 613-614).

3 Resultados e Discussão

3.1 Perfil e dia a dia de trabalho

O Quadro 1 mostra o perfil dos trabalhadores entrevistados. A faixa etária transita dos 20 aos 62 anos de idade (motoristas e coletores), sendo a grande maioria com ensino médio completo (dois dos trabalhadores estão cursando ensino superior). Os trabalhos anteriores transitam entre motoristas, carpintaria, ajudante de serviços gerais, motoboy, serralheiro, eletricitas e guarda-vidas.

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

Pseudônimo	Cargo	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Quais outros trabalhos já tiveram?	Há quanto tempo trabalha na coleta?
FERNANDO	Motorista	62	Casado	1º ano ensino médio	Motorista de carreta.	3 anos
JUVANIL	Motorista	38	Solteiro	6º ano fundamental	Coletor de lixo.	3 anos
BRENO	Motorista	44	Casado	Ensino médio completo	Motorista de carreta, Comerciante.	5 anos
CÁSSIO	Motorista	38	Amasiado	Ensino médio completo	Motorista, Balconista de loja, Ajudante de serviços gerais.	5 anos
JACSON	Motorista	50	Casado	Ensino médio completo	Carpinteiro, Ajudante de serviços gerais, Trabalhador rural.	11 anos
KLEBER	Motorista	49	Casado	Ensino Fundamental completo	Depósito (vendedor e entrega), Mercado, Ajudante de serviços gerais em colônia de férias.	8 anos
LUAN	Motorista	38	Casado	1º ano ensino médio	Motorista, Construção civil.	4 anos
NATHAN	Motorista	43	Casado	Ensino Fundamental completo	Padaria.	13 anos
DOUGLAS	Coletor	40	Casado	1º ano ensino médio	Roçador de mato (urbano), Eletricista.	8 anos



ALBERTO	Coletor	40	Solteiro	1º ano ensino médio	Ajudante de obras (saneamento), Construção civil.	3 anos
CALEBE	Coletor	27	Casado	Ensino médio completo	Ajudante de serviços gerais.	2 anos
ERICK	Coletor	31	Solteiro	Ensino médio completo	Ajudante de obras (saneamento).	1 ano e 9 meses
FABIANO	Coletor	27	Solteiro	1º ano ensino médio	Trabalhador rural (bananal).	3 anos
GUSTAVO	Coletor	28	Solteiro	1º ano ensino médio	Ajudante de obras (saneamento), Depósito (vendedor e entrega), Supermercado, Construção civil.	11 anos
HENRIQUE	Coletor	21	Solteiro	Ensino médio completo	Ajudante de serviços gerais, Quiosque.	3 anos
IVAN	Coletor	24	Casado	Ensino Fundamental completo	Construção Civil, Quiosque.	5 anos
MARCOS	Coletor	42	Casado	Ensino médio completo	Fábrica de blocos, Auto elétrica.	13 anos
OSWALDO	Coletor	35	Casado	Ensino médio completo	Trabalhador Rural, Motoboy.	15 anos
PAULO	Coletor	28	Casado	Superior incompleto	Imobiliária, Ajudante de pedreiro.	3 anos
RIAN	Coletor	22	Solteiro	Ensino médio completo	Motoboy, Ajudante de serviços gerais, Peixeiro.	3 anos
ROBSON	Coletor	44	Solteiro	4º ano ensino fundamental	Ajudante caminhão, Fábrica de doce.	13 anos
THIAGO	Coletor	20	Solteiro	Ensino médio completo	Entregador, pintor (casas, etc.), quiosque.	1 ano e 4 meses
TÉO	Coletor	25	Solteiro	Ensino médio completo	Guarda-vidas, motoboy.	4 anos
VALDIR	Coletor	28	Casado	Segundo ano faculdade	Serralheiro, técnico eletricista.	3 anos
LUCAS	Coletor	20	Solteiro	Ensino médio completo	Jovem aprendiz.	5 meses
PEDRO	Coletor	23	Solteiro	Ensino médio completo	Ajudante de serviços gerais, Serralheria.	1 ano e 7 meses

Fonte: dados fornecidos pela pesquisa

Em relação aos trabalhos anteriores à coleta de lixo, todos os trabalhadores – motoristas e coletores – descreveram atividades essencialmente “braçais”, ou seja, atividades, cujas funções, tarefas e obrigações são executadas manualmente, com exigência de esforço físico e pouco conhecimento técnico e científico (Tolosa; Mendes, 1991).

“Só aqui mesmo. Esse serviço não deixa você ter outro trabalho é muito cansativo” (CALEBE – Coletor).

“Só a coleta, mas quando aparece alguns bicos eu faço” (ALBERTO – Coletor).

“[...] quando eu tenho tempo livre [...] trabalho de Uber...” (RIAN – Coletor).

Nenhum deles tem outro emprego paralelo à coleta, mas, durante o período de folga ou férias, dedicam-se a trabalhos em suas casas, com serviços de pintura, cuidado de plantas, animais, reformas, serralheria, elétrica, manutenções gerais do lar e os “bicos” (trabalhos não formalizados).

Dentro do quadro de entrevistados, ainda em relação às profissões anteriores, somente um motorista já havia sido coletor de lixo, outro passou por teste como coletor antes de ser motorista, mas não conseguiu ir adiante. O restante dos trabalhadores nunca exerceu a função do outro, ou seja, motoristas nunca foram coletores e coletores nunca foram motoristas do caminhão de lixo.

“Um dia aqui é como se fosse quatro dias de ajudante geral” (CALEBE – Coletor).

“Trabalhei uma semana só. Fiz um teste, fiquei todo dolorido. Corri uma semana só” (JACSON – Motorista).

A preparação para o dia a dia de trabalho, desde a casa de cada trabalhador, consiste em tomar banho, alimentar-se e sair de casa. Quando trabalham no período da manhã, as tarefas, geralmente, coincidem em servir/tomar o café da manhã com os filhos, levar algum familiar para o trabalho, orar/rezar etc.

Quando trabalham no período da noite, o que antecede a ida até a garagem, geralmente, é o jantar. Entretanto, cada trabalhador possui aspectos particulares e subjetivos em sua preparação para o trabalho.

“De manhã, primeiramente eu acordo agradecendo a Deus por estar vivo, respirando. Dou um bom dia para a família, que está em casa, tomo meu café da manhã e venho para o trabalho” (CÁSSIO – Motorista).

“O meu processo é geralmente um pouco diferente dos demais daqui. Geralmente o pessoal acorda, no mínimo uma hora mais cedo, para tomar café da manhã e vir para o serviço, eu como comida normal, porque 9 horas da manhã já me dá fome. E se eu não como nada, eu fico esgotado” (TÉO – Coletor).

Ao chegar à garagem, os trabalhadores encontram-se no pátio principal, verificam o caminhão com o qual trabalharão, enchem os galões de água, certificam-se de que os equipamentos de segurança, como luva e outros objetos, estão presentes e aguardam a chamada do encarregado para o “Diálogo Diária de Segurança” (DDS³). Essa rotina é cotidiana e de extrema importância, assim como descrevem:

“Funciona assim: a gente chega 15 minutos antes do horário. Nossa função é verificar o material que vamos usar: a luva e o sapato para ver se está em boas condições. Cada caminhão tem um galão de 5 litros, pelo menos. Um de cada vez enche o galão no bebedouro. Um pouco antes de dar sete horas, que é o horário de começar o serviço, temos o DDS. A gente bate papo para reformular as coisas. Na verdade, todo dia, ele (o encarregado) faz como se fosse uma peneira. Todos os dias, ele cita as mesmas coisas que são para nós acabarmos não errando: em termos de segurança e alguma dúvida, estamos ligando para ele. Todo dia, na verdade, é a mesma coisa” (TÉO – Coletor).

“Checo o caminhão e o equipamento quando chego aqui” (JACSON – Motorista).

“Eu chego aqui por volta das seis e quarenta, porque a gente tem que estar aqui seis e quarenta e cinco, aí bato o ponto e aguardo a chamada para distribuir os coletores” (CALEBE – Coletor).

“Quando chego, eu bato o ponto. O encarregado faz o DDS com o pessoal e nós vamos para o setor. O DDS é...explicando para não se machucar, e essas coisas, fala também sobre fazer o trabalho correto” (ERICK – Coletor).

“Ah, eu chego aqui, bato o ponto, dou bom dia pra galera, espero fazer o DDS, e aí sim a gente vai pro trecho” (VALDIR – Coletor).

Quando conversado sobre as habilidades necessárias para exercer a função de coletor de lixo e sobre as principais preocupações no trabalho e itens sobre cuidado do corpo/cuidado e saúde, há menções das palavras “Atenção” e “Resistência”, as quais aparecem na grande maioria das falas.

“Eu acho que tem que ter bastante resistência, porque mesmo você tendo, tem uma hora que você já dá uma baqueada né, porque é bem puxado” (GUSTAVO – Coletor).

“Primeiramente, é ter uma resistência, procurar alimentar-se bem, também. Essas são as coisas” (PEDRO – Coletor).

“Ah não, nesse serviço tem que ter muita atenção” (ALBERTO – Coletor)

“Você tem de trabalhar atento...” (OSWALDO – Coletor).

A resistência e a atenção aqui mencionadas pelos coletores nos fazem refletir sobre qual tipo de trabalho estamos conversando. Um trabalho em sua essência braçal, o qual exige força física para aguentar o dia a dia, mas também com extrema necessidade

³ O objetivo é conscientizar os funcionários e prevenir acidentes de trabalho, consolidando as melhores práticas para trabalhar com segurança.



de concentração para que haja resposta frente a todos os estímulos sobre os quais o trabalhador está exposto na rua.

A força de trabalho, aqui exigida, dá-se a partir da capacidade física e cognitiva que cada trabalhador pode oferecer. Não é de se espantar que a faixa etária dos coletores não avance muito, e, por isso, trabalhadores com seus 40 anos são tidos como exceções e raridades nesse ofício. Para a manutenção dessa força de trabalho, é necessária certa quantidade de meios de subsistência, e, ao ser acionado nesse processo, o corpo é consumido, gasto pelo uso (Marx, 2013, p. 183).

Para Marx (2013), o processo de trabalho constitui-se na atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; seu objeto e os seus meios. O trabalho aqui se constitui como processo entre o homem e natureza, entre o homem e a coleta, sendo que esse processo é mediado, regulado e controlado por ele (Marx, 2013).

Aqui, o trabalho se dá a partir da apropriação do trabalhador pelo objeto, colocando em movimento suas próprias forças para moldá-lo, ou seja, seu corpo é o principal meio pelo qual o descarte de lixo ocorre: “O meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador interpõe entre si e o objeto do trabalho e que lhe serve de guia de sua atividade sobre esse objeto” (Marx, 2013, p. 189).

Nesse sentido, podemos considerar o caminhão de lixo como meio pelo qual o objeto de trabalho também é movimentado, modificado e trabalhado? Mas se o corpo do trabalhador não se dispõe a correr, pular, estar atento e resistente, quem ou o que conclui o trabalho?

Para Marx (2013), a transformação do objeto de trabalho e sua finalidade se dão a partir da atividade do homem com ajuda dos meios de trabalho. Sendo assim, podemos considerar o corpo do trabalhador como meio pelo qual se atinge a finalidade de coletar o lixo de uma cidade.

Mal o processo de trabalho começa a se desenvolver, já se faz necessária a existência de meios de trabalho previamente elaborados. O uso e a criação desses meios, embora encontrem formas embrionárias em certas espécies animais, constituem uma característica específica do processo de trabalho humano – razão pela qual Franklin define o homem como “a *toolmaking animal*”, um animal que faz ferramentas (Marx, 2013, p. 189).

As preocupações durante o processo de trabalho trazem à tona o valor que o instrumento de trabalho tem. O corpo precisa estar sadio, sem machucados ou nada que o limite durante o dia a dia. A preocupação com o próprio corpo parece partir não da

vontade em preservar a própria saúde em si, mas de manter ativo e produtivo aquele que gera renda, que o mantém empregado. O medo do corpo doente/machucado é transformado em produtividade, em cuidado e atenção redobrados (Castelhano, 2005).

“Tenho medo de me machucar também, medo de acidente, de cortar a mão, às vezes, porque, às vezes, tem gente que coloca vidro no saco, e fico com medo de cortar a mão. [...] me preocupo com o lixo mesmo, porque às vezes têm umas lixeiras que são muito fundas e não dá para ver” (GUSTAVO – Coletor).

“Minha preocupação é deixar lixo para trás” (THIAGO – Coletor).

“Então, a minha preocupação é fazer o trabalho certo, perfeito, limpar a cidade, deixar a cidade limpa, fazer o melhor possível. É o que a gente tenta” (RIAN – Coletor).

“Não se machucar, não faltar para verem que realmente é um funcionário exemplar, pra sempre que precisar, estar aqui” (ERICK – Coletor).

A preocupação com o trânsito e atropelamentos também é de suma importância, como descrevem os trabalhadores, reforçando a necessidade de atenção como uma das habilidades para o ofício. Assim como Velloso, Santos e Anjos (1997) descrevem em sua pesquisa, os trabalhadores da coleta de lixo realizam suas atividades ao ar livre, sendo totalmente expostos ao calor, ao frio, à chuva e às mudanças de temperatura; além da exposição aos ruídos do próprio caminhão e trânsito, que muitas vezes causam acidentes como os atropelamentos e colisões.

“A preocupação é de a gente sofrer um acidente, de carro nos atropelar. Essa é nossa preocupação” (ROBSON – Coletor).

“É mais o trânsito, porque como a gente está atrás do caminhão, às vezes, vem moto, vem carro no sentido contrário e, se não estiver atento, tem o lixo do outro lado da rua, então acabamos pulando e pode vir um carro de frente. E aí, essa é a parte mais perigosa” (VALDIR – Coletor).

“Nos dias de chuva, você acha mais complicado trabalhar do que muito calor, por exemplo. No calor, é desgastante, com chuva é gostoso, mas tem que prestar muita atenção, porque escorrega muito” (ALBERTO – Coletor).

Apesar dos possíveis riscos sob os quais estão expostos, poucos são os casos relatados sobre acidentes, sendo sua grande maioria relacionada a cortes e perfurações ao recolher os sacos de lixo e escorregões.

“Há algumas semanas, eu me machuquei, porque fui pegar o lixo do portão e o portão estava solto, estava sem a grapa, só estava fixado no local, e aí, quando eu puxei, veio para cima de mim, acabou batendo na minha testa, mas cortou só um pouquinho” (VALDIR – Coletor).

“Eu fui descer do caminhão, pisei no acrílico, escorreguei, e minha perna foi parar lá embaixo. Fiquei um dia sem trabalhar, dói demais” (ALBERTO – Coletor).



“Já me machuquei no meu comecinho. Quando eu comecei, eu zoei o joelho, não tinha o costume né, e aí, assim que eu melhorei do joelho, eu zoei as costas. Mas hoje, graças a Deus, está tudo de boas” (THIAGO – Coletor).

Nesse sentido, o processo de trabalho se constitui em uma prática destinada a um objeto específico, em que há transformação de um produto, com a utilização de instrumentos, a fim de alcançar uma finalidade ou um objetivo próprio (Souza *et al.*, 2014).

Os elementos básicos são os agentes (coletores e motoristas), os objetos (o lixo), os instrumentos (caminhão de lixo, corpo dos trabalhadores), a atividade (recolhimento do lixo) e a finalidade (a limpeza pública) (Souza *et al.*, 2014).

A preparação que cada trabalhador executa funda-se, em primeiro lugar, na necessidade de cumprir as tarefas diárias e seu processo de trabalho. No entanto, esse trabalho se desdobra na vida cotidiana, cujos aspectos serão abordados a seguir.

3.2 Vida cotidiana e tempo livre

Segundo Maya (2008), a redução da jornada de trabalho tem sua história advinda dos movimentos trabalhistas em todo o mundo, sendo que, desde a primeira metade do século XX até hoje, ela é pauta em sindicatos. A luta pela redução da jornada de trabalho está atrelada à luta por mais tempo livre, de modo que, se comparado ao século passado, o trabalhador atual dispõe de mais tempo fora do ambiente laboral.

Na medida em que, para a maioria dos membros da sociedade, trabalho é sinônimo de sofrimento, é preciso dourar a pílula, imprimindo nas mentes dos trabalhadores a ideia de que o homem digno é aquele que trabalha, e os que não procedem assim estão destinados ao fracasso (Maya, 2008).

O trabalho em nossa sociedade é enaltecido, e a produção faz parte do coletivo, das práticas e relações sociais. A falta de trabalho faz com que as conexões e os vínculos de cada ser humano sejam limitados.

Se o trabalhador se aliena em sua atividade de trabalho, percebendo um mundo em que as relações humanas se tornam reificadas, é lógico supor que essa alienação se estende também ao tempo livre. Nesse contexto, o trabalhador não é plenamente dono de si mesmo, e as atividades realizadas nesse período fora do ambiente laboral, influenciadas pela lógica da produção de mercadorias, tendem a reproduzir, reforçar e legitimar as relações de trabalho capitalistas (Maya, 2008).

Assim, quando perguntados sobre o que faziam em seu tempo livre, as respostas dos nossos entrevistados transitaram entre descansar, dormir, assistir à TV, jogar bola, cuidar da casa e passar tempo com a família.

Segundo a definição de Maya (2008), não consideráramos dormir e cuidar da casa como tempo livre, já que podemos acreditar que são atividades impostas, de certa forma, sem a possibilidade de escolha. Porém, o ato de dormir e cuidar da casa também faz parte do tempo livre desses trabalhadores, já que estas são necessidades autocriadas a partir da liberdade dentro de um período de tempo.

O termo descansar aparece na grande maioria das falas, sendo que o intuito desse descanso é usufruir do tempo livre, mas também estar bem e disposto para aguentar o outro dia de trabalho. Descansar no tempo livre, aqui, não é simplesmente aproveitar o dia como quiser, da maneira que escolher, mas é também conseguir se preparar para o trabalho/ofício.

As falas abaixo são classificadas em tempo livre e descanso. O tempo livre é composto por atividades que os entrevistados gostam, que os relaxam, as quais, muitas vezes, são nomeadas como descanso. O descanso, propriamente dito, é aquele que tem puramente o intuito de repor energia para o trabalho.

“No meu tempo livre, bom, eu procuro ficar no sofá, colocar alguma coisa para eu assistir, tento ficar relaxado. De vez em quando, eu jogo futebol, não direto, quando tenho tempo, também, por causa das crianças” (GUSTAVO – Coletor).

“Eu gosto de assistir a filmes com a minha filha que já está maiorzinha. Então coloco um filme de animação e aí eu fico assistindo, porque ela gosta dessas coisas” (CALEBE – Coletor).

“Eu gosto de ir à praia que é aqui perto. Gosto de jogar bola, também, curtir os amigos, a família, e essas coisas. Tem umas brincadeiras entre nós, às vezes, com as pessoas. Para distrair a mente” (LUCAS – Coletor).

“Eu gosto bastante de água. Uma cachoeira cai muito bem. Praia nem tanto, mas uma cachoeira é o que eu gosto de fazer para relaxar. E sair, ir ao cinema” (TÉO – Coletor).

“Quando eu não estou trabalhando, eu passeio, pego minha filha e a gente passeia bastante, anda de bicicleta, vai pro parquinho” (VALDIR – Coletor).

“Passeio com meus cachorros” (ALBERTO – Coletor).

“Pra relaxar, tomo uma gelada. Uma cerveja gelada e escuto uma música” (JACSON – Motorista).

“Cozinho e cuidado das minhas plantas” (NATHAN – Motorista).

“Eu gosto de ficar parado mesmo, ou estou treinando” (IVAN – Coletor).

“Ultimamente, é em casa mesmo. Uma voltinha no final de semana, pela praia. Mas é mais em casa mesmo” (FERNANDO – Motorista).

“Eu gosto de estar com a família. Visitar a família: pai, mãe. Gosto bastante” (PAULO – Coletor).

“Além de pedalar, eu gosto de ficar com as minhas filhas e com a minha esposa. Sabe aquele dia de folga que você fala ‘o que for para fazer junto com elas, está ótimo’” (BRENO – Motorista).

“Eu gosto muito de assistir à televisão: jornal. É importante saber as coisas que acontecem no dia né, saber para cuidar da gente. O pessoal está roubando celular, para roubar conta das pessoas pelo WhatsApp” (KLEBER – Motorista).

“Gosto de mexer nas minhas coisas em casa. Eu tenho uns caminhões em casa e fico mexendo lá. Parte de mecânica, esses negócios” (LUAN – Motorista).

“Surfar e andar de skate” (DOUGLAS – Coletor).

“Só saio” (HENRIQUE – Coletor).

“[...] eu gosto de arrumar minha horta, tenho um violãozinho também e fico tentando tocar” (MARCOS – Coletor).

“Sair com minha esposa, para distrair, passear” (PEDRO – Coletor).

“Quando eu não estou trabalhando, eu vou descansar né? Repor energia para o outro dia, porque o outro dia é pesado. Tem que ajudar a mulher no dever de casa também, né?” (OSWALDO – Coletor).

“Eu fico assistindo a filmes e séries. E aqui, na coleta, tem que dormir também, né? Descansar” (THIAGO – Coletor).

Diante do exposto, o tempo livre dos participantes da pesquisa se constitui em assistir à TV, ir à praia, se envolver com práticas corporais, cuidar dos animais de estimação e plantas e passar tempo com a família e os amigos.

O descanso aqui descrito é composto puramente por atividades ou repouso, a fim de relaxar, o qual é descrito como Descanso Funcional, por Munné (1999). Esse descanso aparece não com o intuito de opor-se à fadiga, mas com o intuito de ser conscientemente prazeroso.

Descansar, nesse sentido, é sentar-se na porta de casa ou na varanda e

[...] “tomar o ar fresco” ou contemplar “como as pessoas passam”; encantar-se com os mil desenhos diferente da fumaça do nosso cachimbo à medida que se afastam da poltrona; ver, sem assistir a um programa de televisão; ou ouvir, sem ouvir, música no rádio; caminhar, pela serra ou pelo mar, quase ausente do que nos rodeia e de nós mesmos (Munné, 1999, p. 111).

Outro tipo de descanso, apresentado por Munné (1999), é o descanso que tem por finalidade nos libertar da fadiga, sendo a fadiga um fenômeno vital normal, que aparece após alguma atividade orgânica, requerendo, posteriormente, um descanso.



Esse descanso, descrito pelas falas de Oswaldo e Thiago, tem o intuito de repor energias para trabalhar. Se descansar, aguenta-se o restante da semana de trabalho; se não descansar, não é possível aguentar, podendo sofrer as consequências de ter um desempenho baixo no ofício, como o desemprego e, conseqüentemente, a falta de sustento para a família inteira, a dignidade como indivíduo abalada e as relações sociais modificadas.

O ser humano, há décadas, organiza-se em função do tempo e, atualmente, temos o que chamamos de “tempos sociais”, ou seja, períodos destinados a atividades específicas, como o tempo de trabalho, tempo livre, tempo para estudo, tempo para religião etc. (Padilha, 2003). Tais definições de tempo são construídas e realizadas a partir das subjetividades de cada cultura, costumes e pessoas.

Segundo Adorno (2009, p. 62), “o tempo livre é acorrentado ao seu oposto”, ou seja, o tempo livre “é apêndice do trabalho, pois visa à restauração da própria força de trabalho”. Isso fica claro com o descanso como atividade primordial no tempo livre para esses trabalhadores.

O tempo livre são as ações que o homem realiza sem uma necessidade externa que o conduz, é o tempo no qual o homem deveria conduzir com maior autonomia a sua vida pessoal e social (Munné, 1999). Esse tempo é autocondicionado e diferente do restante do tempo social; suas ações buscam satisfazer necessidades autocriadas: “é livre, não porque nele a liberdade se opõe à necessidade, mas no sentido de que a liberdade é o que define a necessidade” (Munné, 1999, p. 75).

Assim, o tempo livre apresentado durante as falas em nossas entrevistas com os coletores está associado às definições que Adorno (2009) e Munné (1999) trazem. Sendo assim, o tempo livre relaciona-se ao tempo oposto ao trabalho e todas as suas obrigações, assim como a maior autonomia para realização de atividades em sua vida pessoal e social.

O tempo livre, para os trabalhadores da coleta, é formado além do descanso por atividades de lazer, pelo envolvimento de práticas corporais⁴, tais como jogar bola, andar de bicicleta, surfar e andar de skate, além de treinar, como citado por Ivan. Embora este tenha utilizado um termo genérico, acredita-se que a referência se dá ao exercício físico realizado de forma não sistematizada e não orientada. O jogar bola é uma prática

⁴ Os termos “exercício físico” e “atividade física” remetem, essencialmente, à dimensão biológica do ser humano. Adotamos, aqui, o termo prática corporal, o qual melhor se adequa aos hábitos de nossos entrevistados. Segundo Silva (2014), os significados do termo “práticas corporais” estão relacionados à preocupação com conteúdos subjetivos, individuais, e coletivos “além dos efeitos orgânicos imediatos”.

privilegiada, sendo realizada, geralmente, com um grupo de amigos e de forma inconstante.

O jogar bola é visto aqui da mesma forma que assistir à TV, dormir e passar tempo com a família: como um momento de tempo livre ante um dia ou semana de trabalho.

Erick (Coletor): “Eu pratico esporte, eu gosto de jogar bola.”

Pesquisadora: “Todo final de semana, você joga?”

Erick (Coletor): “Sempre que a gente está de folga, né? A gente trabalha no sábado e aí o encarregado fala ‘a equipe tal está de folga’.”

Pesquisadora: “E você não fica mais cansado no dia seguinte?”

Erick (Coletor): “Não, não, é pra relaxar.”

“Tem peão que chega aqui e fala: ‘ah! eu consigo correr, porque eu jogo bola direto’. Mas do que adianta jogar bola? É algo totalmente diferente. Para 7 horas da manhã correr o dia inteiro até você fechar o setor” (ROBSON – Coletor).

“No tempo livre, eu, às vezes, vou jogar bola com os amigos. Quando está com chuvinha, eu faço jogos online. Eu faço live de free fire, jogos de corrida” (JUVANIL – Motorista).

“Eu jogo bola, dou umas caminhadas na praia e saio às vezes” (FABIANO – Coletor).

As falas de Robson, Erick, Juvanil e Fabiano deixam evidente a não relação entre a melhora da capacidade física destinada ao trabalho na coleta e o jogar bola. Segundo os trabalhadores, mesmo que a pessoa pratique atividade física – especificamente jogar bola, futebol –, ela não está, conseqüentemente, apta a exercer a função de coletor.

Em contrapartida, somente um dos entrevistados fez associação entre a atividade física, jogar bola (futebol) e manutenção da capacidade física.

“Então, igual eu te falei, às vezes, quando eu tenho tempo livre, eu tiro um dia de manhã bem cedo para jogar uma bola, trabalho de Uber, também tiro uma hora para descanso, porque precisa. Porque ontem foi uma segunda-feira puxada, nós acabamos 4 horas da tarde, então eu cheguei, tomei banho e fui dormir. O corpo estava muito cansado, então se você for dormir um pouco tarde, seu corpo não vai relaxar totalmente [...] se a gente pega uma pessoa no vácuo e bota para trabalhar, correndo do lado, é claro que você vai deixar ele para trás, porque você tem mais experiência do que ele e ele vai ficar para trás. Então, ele sempre tem que alongar, correr, fazer um futebol, nunca ficar parado, ir se preparando mesmo para manter” (RIAN – Coletor).

Para Rian, jogar bola não é somente tempo livre e descanso – como os outros voluntários descrevem –, mas, sim, uma ação que pode ajudar o condicionamento do trabalhador na coleta de lixo.

Assim, entendemos que a questão do tempo livre atinge todos os trabalhadores entrevistados, seja com intuito de simplesmente relaxar, passar tempo com a família ou descansar para cumprir os objetivos do ofício. Por isso, conhecer as atividades relacionadas ao uso do tempo da população é um indicador importante para entender as

escolhas feitas no tempo livre, considerando os contextos e marcadores sociais (Silvestre; Ribeiro; Amaral, 2025).

Em Bahia e Brito (2017), que investigaram o lazer do/a brasileiro/a, as atividades com cunho social representam mais de 64% dos interesses culturais de lazer, levando em consideração atividades realizadas durante o fim de semana. Os autores ainda revelaram que 58,5% tiveram outros interesses, como afazeres domésticos, ajudar nos deveres, cuidar dos parentes, fazer compras, lavar o carro, navegar na internet, resolver problemas pessoais e realizar trabalhos sociais; e, posteriormente, 42,1% com interesse físico-esportivos.

“[...] quando eu vou para o sítio, gosto de dar uma roçada no mato” ROBSON – Coletor).

“[...] de vez em quando, eu jogo futebol, não é direto, quando tenho tempo também, por causa das crianças” (GUSTAVO – Coletor).

“Jogo bola e crio cavalo, querendo ou não, me dá muito trabalho, de dois em dois dias tem que entrar nessas valas e cortar capim para os bichos” (CÁSSIO – Motorista).

“[...] Além de dormir, tem de ajudar a mulher no dever de casa” (OSWALDO – Coletor).

As falas dos coletores, entrevistados em nossa pesquisa, transpassam atividades de cunho social, atividades voltadas às obrigações domésticas (cuidar dos filhos, cuidar da casa, cuidar das plantas, cuidar dos animais, levar esposa ou filhos para trabalho ou escola), atividades físicas, esportivas (essencialmente jogar bola e correr na praia), assistir à TV, dormir, entre outras.

Quando conversado sobre tempo livre, as falas desses trabalhadores estão envoltas, principalmente, no descanso, assim como já apresentado. Muito mais do que as atividades sociais, o tempo livre desses sujeitos é composto por atividades que não exijam tanto do corpo, num geral, e, de forma clara, isso ocorre em consequência à necessidade de recuperação para o ofício.

Esse, talvez, seja um indicativo para se perceber que as pessoas não distinguem muito bem o lazer como um tempo de vivência descompromissada de obrigações e listam algumas obrigações (domésticas, familiares, sociais) como momentos de lazer. Ou, ainda, que seu tempo de lazer se torna cada vez mais diminuído e “estrangulado” diante das demandas de obrigações a serem realizadas na sociedade moderna, fazendo com que não haja muita alternativa senão atender a tais demandas no tempo dito “livre” (Bahia; Brito, 2017).



Outro ponto que também é necessário levar em consideração é o gênero, já que nenhum de nossos entrevistados é mulher. Isso coaduna com um passado recente no Brasil, no qual as mulheres ficaram afastadas, inclusive, das aulas de Educação Física nas escolas em razão de uma natureza frágil e maternal (Castellani Filho, 2018). Além disso, Carneiro *et al.* (2023), que investigaram as características do trabalho doméstico não remunerado de uma cidade de médio porte na Bahia, apontaram que essas atividades são realizadas por 95,2% das mulheres. Partindo desse pressuposto, embora cada vez mais mulheres estejam inseridas no mercado de trabalho, há maior envolvimento nas atividades vinculadas às famílias/filhos e, conseqüentemente, uma diminuição de tempo livre, voltado ao lazer, ao ócio, ao descanso e às atividades escolhidas e realizadas com fim em si mesmas (Rosa; Silva, 2017).

Considerando o pressuposto de Conceição e Aguiar (2025), para os quais o lazer das mulheres é impactado por barreiras de tempo, cor, raça, gênero, sexualidade, recursos financeiros, espaço e segurança, compreendemos um limite da nossa pesquisa. O fato de os trabalhadores terem listado atividades domésticas como uma opção em seu tempo livre, a ausência de mulheres no trabalho de coleta de lixo em Mongaguá-SP, talvez tenha impedido uma maior ocorrência nesse aspecto, ou, ainda, outras escolhas e definições de atividades no tempo livre.

4 Conclusão

Os trabalhadores da coleta de lixo de Mongaguá-SP são homens e enfrentam uma rotina de trabalho desgastante. Por isso, relatam adotar cuidados com a alimentação e buscam manter a resistência física, embora expressem receios quanto à ocorrência de acidentes. Para passar o tempo livre, mencionam realizar atividades de descanso, lazer e práticas corporais – sobretudo o “jogar bola”, isto é, o futebol, compreendido tanto como passatempo quanto como uma forma de preservar o condicionamento físico necessário para as demandas do trabalho.

Referências

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009

ALMEIDA, P. F.; MEDINA, M.G.; FAUSTO, M.C.R.; GIOVANELLA, L.; BOUSQUAT, A.; MENDONÇA, M.H.M. Coordenação do cuidado e atenção primária à saúde no Sistema Único de Saúde. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 244-260, set. 2018.



BAHIA, M. C.; BRITO, R. S. O lazer do brasileiro: como é vivenciado o tempo. In: STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (orgs.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Autores associados, 2017. p. 95-109.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação Brasileira de Ocupações**: Lixeiro nº 55260. Brasília, DF: Ministério do Trabalho, 2002.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 57, n. 5, p. 611-614, out. 2004

CARDOSO, R. K.; ROMBALDI, A. J.; SILVA, M. C. Nível de atividade física de coletores de lixo de duas cidades de porte médio do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Florianópolis, v.18, n. 5, p. 604-613, nov. 2013.

CARNEIRO, C. M. M.; PINHO, P.S.; TEIXEIRA, J.R.B.; ARAÚJO, T.M. Trabalho doméstico não remunerado: persistência da divisão sexual e transtornos mentais. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 31, 2023.

CASTELHANO, L. M. O medo do desemprego e as novas organizações de trabalho. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v.17, n.1, p. 17-28, abr. 2005.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 26. ed. Campinas: Papirus, 2018.

CONCEIÇÃO, V. M.; AGUIAR, J. R. Relatos na e da literatura sobre as barreiras ao lazer das mulheres. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1-29, dez. 2025.

COSTA, D.; LACAZ, F.A.C; JACKSON FILHO, J.M.; VILELA, R.A.G. Saúde do trabalhador no SUS: Desafios para uma política pública. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.38, n. 127, p. 11-30, 2013.

EIGENHEER, E. M. **Lixo: A limpeza urbana através dos tempos**. Porto Alegre: Campus e Elsevier, 2009.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FRANCO, T. B.; MERHY, E. E. A produção imaginária da demanda e o processo de trabalho em saúde. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (orgs.). **Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: IMS/UERJ-CEPESC-ABRASCO, 2005. p. 181-194.

HULTÉN, A. M.; BJERKELI, P.; HOLMGREN, K. Work-related stress and future sick leave in a working population seeking care at primary health care centres: a prospective longitudinal study using the WSQ. **BMC Public Health**, London, v. 22, n. 1, p. 851, apr. 2022.

LACHI, P., NAVARRO, P. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetiva. In: TASSO, I.; NAVARRO, P. (orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online]. Maringá: Eduem, 2012. p.15-39.

LUKAN, J.; BOLLIGER, L.; PAUWELS, N.S.; LUSTREK, M.; DE BACQUER, D.; CLAYS, E. Work environment risk factors causing day-to-day stress in occupational settings: a systematic review. **BMC Public Health**, London, v. 22, n. 1, p. 240, 2022.



MARCINO, L.F.; ARRUDA, B.C.C.G.; TESTON, E.F.; SOUZA, A.S.; MARCHETI, P.M.; LIMA, H.P.; MARCON, S.S.; ARATANI, N. Leisure practice in adolescents and associated factors: implications for care. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.35, eAPE02041, 2022.

MARX, K. **O Capital [Livro I]**: crítica da economia política. O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAYA, P.V.R. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. In: JACQUES, M.G.C.; NUNES, M.L.T.; BERNARDES, N.M.G; GUARESCHI, P.A. (orgs.). **Relações sociais e ética** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31- 47.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUNNÉ, F. **Psicosociologia del tiempo libre**. 9.ed. México: Trillas, 1999.

OLSEN, W. **Coleta de dados**: debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Porto Alegre: Penso, 2015.

PADILHA, V. **Shopping Center**: a catedral das mercadorias e do lazer reificado. 2003. 317f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

ROSA, M. C.; SILVA, M. R. Esfera da obrigação: em destaque a família/filhos, compromissos religiosos e compromissos político/sociais In: STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (orgs.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores associados, 2017. p.65-80.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 689-716, jun. 2009.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 5-20, jan./jun. 2014.

SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2115-2122, dez. 2009.

SILVESTRE, B. M.; RIBEIRO, O. C. F.; AMARAL, S. C. F Diários de uso do tempo: uma proposição qualitativa para a apreensão do lazer. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 13, n. 33, p. 29-48, jan./abr. 2025.

SOUZA, M. C.; ARAÚJO, T.M.; ANDRADE, F.A.; FRANÇA, A.J.; SOUZA, J.N. Necessidades de saúde e produção do cuidado em uma unidade de saúde em um município do nordeste, Brasil. **O mundo da saúde**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 139-148, 2014.

STÊNICO, J. A. G.; PAES, M. S. P. Lazer: do tempo livre à dimensão cultural e as novas formas de alienação. **Licere**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1. p. 237-355, mar. 2016.



TOLERA, S. T.; GOBENA, T.; GEREMEW, A.; TOSEVA, E.; ASSEFA, N. Work-related musculoskeletal disorders and associated factors among hospital cleaners in Ethiopia: a cross-sectional study. **BMC Musculoskeletal Disorders**, London, v. 26, n. 1, p. 640, jul. 2025.

TOLERA, S. T.; ALEMU, B.; MENGISTU, D.A.; DERESSA, A. Occupation-related respiratory diseases among sanitary workers in the workplace: a systematic review and meta-analysis. **Frontiers in Public Health**, London, v. 12, n. 1, p. 1501768, nov. 2024.

TOLOSA, D. E. R.; MENDES, R. Avaliação das condições de trabalho dos servidores braçais de instituição pública. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 139-149, abr. 1991.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 16. reimp. São Paulo: Atlas, 2009.

VELLOSO, M. P.; SANTOS, E. M.; ANJOS, L. A. Processo de trabalho e acidentes de trabalho em coletores de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 693-700, out. 1997.

WALDOW, V. R.; BORGES, R. F. Cuidar e humanizar: relações e significados. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 414-418, 2011.

Recebido em: 27 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 14 de outubro de 2025.